

LEO COSTA/ DIVULGAÇÃO

GUUUA

vida & arte

| CINE SÃO LUIZ |
Criado no estúdio particular de Ricardo Bacelar, “Congênito” vira show celebrando grandes nomes da música brasileira

MARCOS SAMPAIO
marcos.sampaio@opovodigital.com

Desde que montou em casa o estúdio Jasmin, Ricardo Bacelar tem estado bem ocupado. Espaço compartilhado com o técnico de som Melk, ele já recebeu Cainã Cavalcante, Ivan Lins, Toninho Horta, Ednardo, Aparecida Silvano e vários outros amigos para gravações feitas com hospitalidade e sem pressa. Nesse ambiente também nasceu “Congênito”, álbum em que o músico cearense lança seu olhar sobre 12 clássicos nacionais.

Cem por cento produzido, tocado e cantado por Bacelar, “Congênito” ganha novo formato neste sábado, 1º, no palco no Cineteatro São Luiz. Seguindo a ideia de homenagear luminárias da MPB, ele se apresenta ao lado de Hoto Junior (percussão), Carol Damasceno (vocalis), Stevio Gonçalves (guitarra), Herlon Robson (teclados), Miqueias dos Santos (baixo) e Denilson Lopes (bateria). Além de assinar os arranjos, Bacelar toca guitarra, percussão e teclado.

“Foi ótimo por que soou do mesmo jeito, soou bem. Mas eu deixo os músicos à vontade pra fazer alguma coisa, uma frase, pra não ficar milimetricamente igual (ao disco)”, compara Ricardo sobre a experiência de transpor para a banda os arranjos que executou sozinho.

O show, além das canções de “Congênito”, inclui homenagens a outros ídolos. Milton Nascimento, por exemplo, será lembrado em “Cais” e “Clube da Esquina”. Tem ainda Gilberto Gil, que tema do disco “Andar com Gil” (2022), parceria de Ricardo com a cantora e pianista Délia Fischer. “A gente resolveu fazer um disco minimalista. Já foi o contraditório do ‘Congênito’, que é um disco cheio de coisa, cheio de elementos”, explica ele que ainda apresenta parcerias com Ricardo Bezerra (“O amor e a paixão”), Ednardo (“Eu juro que eu tenho coragem”) e Belchior (“Vício elegante”).

Algumas dessas parcerias já estão disponíveis nas plataformas digitais, outras aguardam o momento de serem lançadas. Também está nos planos gravar e lançar o show deste sábado. E, pelo meio do ano, chega um disco que celebra os 85 anos de Roberto Menescal, que conta com as participações de Leila Pinheiro e do pianista Diogo Monzo. Bacelar conta que, depois desse lançamento, pretende esperar um pouco e trabalhar o que já foi feito até aqui. Não seria uma surpresa, porém, se, diante de uma boa ideia, uma boa canção, ele mudasse de ideia e voltasse a pensar em novos arranjos e gravações.

Do pessoal para o COLETIVO

HOMENAGEM

A fé segundo Gil

Quando decidiram gravar um disco em parceria, Ricardo Bacelar e Délia Fischer saíram em busca de uma ideia que fizesse sentido para ambos. A proposta que soou definidora foi uma homenagem às canções de Gilberto Gil que tratam de espiritualidade. Por si, esse recorte já garante diversidade uma vez que a transcendência do compositor passa por muitas filosofias. E são elas que enchem de profundidade o disco “Andar com Gil” (2022).

Entre santos e orixás, Deus e Xangô, Délia e Ricardo pegaram nove canções. Acordado que cada um faria um solo no disco, Délia escolheu “Se eu quiser falar com deus” e Ricardo “Cada tempo em seu lugar”. Mas é quando eles se unem em “Aqui e agora” e “A paz” que a fé de Gilberto Gil vira mágica.

Congênito

Quando: sábado, 1º, às 19 horas

Onde: Cineteatro São Luiz (rua Major Facundo, 500 - Centro)

Quanto: R\$84 (inteira) e R\$42 (meia). À venda no site Sympla e no local

Telefone: 3252.4138

Instagram: @cineteatrosauluz

5 perguntas para Délia Fischer

O POVO – Como começou sua história de amizade e música com Ricardo Bacelar?

Délia Fischer – Conheci Ricardo por uma grande amiga em comum. Na época estava montando meu primeiro Show Solo, e precisava de um tecladista. Ele já tocava com o Hanoi Hanoi, mas também já era o Ricardo eclético que gostava de improvisar ao piano. Esse show foi muito bonito e de lá pra cá nunca perdemos o contato. Mesmo morando tão longe, já nos encontramos em Fortaleza, mas também pela Dinamarca. Amigo não depende de espaço nem tempo.

OP – Quería que você contasse sobre como nasceu esse projeto com canções de Gil.

Délia – Ricardo já havia me convidado para gravar no estúdio/gravadora que ele já estava construindo. Pensamos em compor esse álbum, pensamos em muitas coisas, mas nada antes parecia muito interessante. Mas, quando o nome Gil surgiu, foi a unanimidade total, e o desejo era maior que qualquer outra coisa de antes. Logo depois sugeri a ele que fosse um álbum minimalista e mais calcado no piano, pois assim seria algo completamente diferente do álbum “Congênito” que ele acabara de lançar, e ao mesmo tempo muito mais próximo do meu álbum “Hoje”, que foi um álbum muito feliz na minha trajetória, todo de piano e voz gravado na pandemia e que concorreu no Grammy Latino de 2021.

OP – Que relação você faz entre a música e a fé?

Délia – Música e fé para mim significa a mesmíssima coisa, primeiro porque a música não é palpável, não se pode pegar. Você pode ter a mídia física, um vinil, um CD, mas o som é manifestação do espírito e só quem vive de música sabe que é preciso ter fé todos os dias no som, na alegria para se criar e principalmente na permanência de uma carreira longa, muitos altos e baixos acontecem, mas a gente segue. Acredito que a voz que canta é o espírito que se comunica com todos os seres.

OP – Qual sua relação com a obra de Gilberto Gil?

Délia – Gil faz parte da minha formação musical desde os primórdios. Gil faz uma música tão profunda em todos os aspectos, melodia harmonia e letras. O Gil fala e se comunica por todos os lados com total brilhantismo, ele é um gigante da música mundial não só no Brasil. E, sim, minha relação mudou completamente pois aproveitei para mergulhar mesmo nessa obra.

OP – Que importância esse projeto tem dentro da sua obra como artista?

Délia – Uma coisa que vai ficar é o sonho de termos cantado e gravado com o mestre Gil na faixa “Prece”. O disco carrega todo esse simbolismo para mim e tenho certeza que ouvir a voz do Gil em uníssono com as nossas vozes ecoa em algum lugar muito profundo da minha alma e isso é pura fé na música e na vida.